

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

JOSEANO DE MOURA LEAL

O IMPACTO DAS ENCHENTES DE 1960 E 1973 NA CIDADE DE PICOS-PI,
APARTIR DAS MEMÓRIAS DOS ATINGIDOS

PICOS (PI)
2014

JOSEANO DE MOURA LEAL

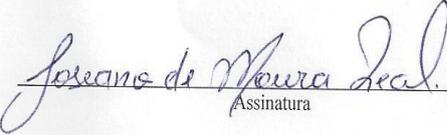
O IMPACTO DAS ENCHENTES DE 1960 E 1973 NA CIDADE DE PICOS-PI,
APARTIR DAS MEMORIAS DOS ATINGIDOS

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvideo Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, como requisito obrigatório para obtenção do título do grau de licenciatura em História.
Orientador: prof.M.s.Rodrigo Gerolineto

PICOS(PI)
2014

Eu, **Joseano de Moura Leal**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 18 de agosto de 2014.


Assinatura

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

L435i Leal, Joseano de Moura.
O Impacto das enchentes de 1960 e 1973 na cidade de Picos – PI,
apartir das memórias dos atingidos / Joseano de Moura Leal. – 2014.
CD-ROM : 4 ¼ pol. (43 p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do
Piauí. Picos-PI, 2014.
Orientador(A): Prof. MSc. Rodrigo Gerolineto Fonseca

1. Enchetes. 2. História Oral. 3. Memória – Picos (PI). I. Título.

CDD 981.812 22



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Ao dia (08) do mês de Agosto de 2014, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de JOSEANO DE MOURA LEAL sob o título **O IMPACTO DAS ENCHENTES DE 1960 E 1973 NA CIDADE DE PICOS-PI A PARTIR DAS MEMÓRIAS DOS ATINGIDOS**

A banca constituída pelos professores:

Orientador: PROF. MS. RODRIGO GEROLINETO FONSECA
Examinador 1 : PROF. MS. FRANCISCO GLEISON DA COSTA MONTEIRO
Examinador 2 : PROF. MS. ANA PAULA CANTELLI CASTRO

Deliberou pela aprovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 9.0.

Picos (PI) 08 de Agosto de 2014

Orientador (a):

Fonseca

Examinador (a) 1:

Francisco Gleison da Costa Monteiro

Examinador (a) 2:

Paula

AGRADECIMENTOS

Grato a Deus pelo dom da vida, pelo seu amor infinito, sem Ele nada sou. Agradeço ao meu sogro e minha sogra Lourdes, meus maiores exemplos de vida e perseverança. Obrigada por cada incentivo e orientação, pelas orações em meu favor, pela preocupação para que estivesse sempre andando pelo caminho correto.

A minha amada, e esposa Vanessa, pelo carinho, amor e principalmente pela paciência nas horas mais difíceis, e por ter tido compreensão nas minhas ausências.

Ao professor Rodrigo, no qual não tenho palavras para agradecer, por tanto empenho no meu projeto, e se hoje ele existe é devido a ele, sempre dedicado, com muita paciência e atenção, dedicou do seu valioso tempo para me orientar em cada passo deste trabalho.

Aos meus colegas de turma no qual me incentivaram para não desistir nessa longa caminhada, em especial ao amigo e companheiro Evandro Texeira pela contribuição na minha vida acadêmica, e por tanta influência, na minha futura vida profissional. Aos meus tios Gregório e Socorro, por sempre estarem do meu lado quando sempre precisei.

Enfim a todos vocês meu eterno MUITO OBRIGADO!

RESUMO

O presente trabalho pretende mostrar um estudo sobre a cidade de Picos- PI no período das maiores enchentes já registradas dentro da região picoense nos anos de 1960 e 1973. Com isso, pensar na cidade de Picos como campo de estudo, dentre as várias possibilidades, nos remete aos conceitos de memória, visto que as marcas da destruição provocadas pelos excessos de chuvas, deixou na lembrança da população local o ressentimento da perda dos bens materiais, considerados também objetos de memória. Assim, através da pesquisa bibliográfica, do método/técnica da História Oral e com o uso das imagens arquivadas no museu Ozildo Albano e na Secretaria Municipal de Educação de Picos, esperamos contribuir, mostrando a importância desse fenômeno que não foi apenas climático, mas também social.

PALAVRAS CHAVE: Enchentes. História Oral. Memória. Picos(PI).

ABSTRACT

This paper aims to show a study of the city of Pi-peaks in the period of the greatest floods ever recorded in the region Pico in 1960 and 1973. Through this, think of the city of Picos as a field of study, among the various possibilities, brings us to the concepts of memory, since the marks of destruction caused by excessive rains, Durantes sixties and seventies left in memory of the local population's resentment of the loss of material goods, also considered objects of memory. Thus, through the literature search, the method / technique of oral history and images archived in the museum Ozildo Albano and the Municipal Education peaks, we hope to contribute, showing the importance of this phenomenon was not only the climate, but also social.

KEYWORDS: Floods. Oral History. Memory. Peaks (PI).

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

ILUSTRAÇÃO 1: Picos sendo urbanizada nas primeiras décadas do século XX, próxima as margens do rio Guaribas.....	12
ILUSTRAÇÃO 2: (Enchentes de 1960) Casas sendo invadidas e destruídas pelas correntezas.....	16
ILUSTRAÇÃO 3: (ENCHENTES DE 1960) . O aumento das águas invadindo a cidade.....	17
ILUSTRAÇÃO 04 (ENCHENTES DE 1960). Pessoas observando o acúmulo de água dentro da cidade.	19
ILUSTRAÇÃO 5: (Enchentes de 1960) Pessoas retirando os seus objetos.....	20
ILUSTRAÇÃO 6 : (Enchentes de 1960) Pessoas observando os estragos da enchente no alto da igreja Matriz.....	21
ILUSTRAÇÃO 7: (Enchentes de 1960) pessoas carregando o que sobrou das cheias.....	25
ILUSTRAÇÃO 8: (Echentes de 1960) Rua São José completamente destruída.....	26
ILUSTRAÇÃO 9: (Enchentes de 1960) O que restou após as cheias	27
Ilustração 10: (Enchentes de 1960) O que restou após as cheias.....	28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 As Enchentes de 1960 e 1973 – Regiões atingidas e o grande impacto que ficou registrado	10
2.1 A zona rural picoense sendo atingida.....	34
2.2 Comparando as duas grandes enchentes(1960 e 1973).....	35
3 Registros que ficaram guardados na memória dos picoenses até os dias atuais.....	36

1 INTRODUÇÃO

Durante os anos de 1960 e 1973, a cidade de Picos - PI, passou a registrar as maiores cheias jamais vistas antes. Essas enchentes, foram causadas principalmente pelos volumes de chuvas que caía na região com grande intensidade, ocasionando assim o transbordamento do Rio Guaribas para dentro da cidade, alagando ruas e trazendo prejuízos, atingindo sobretudo as populações ribeirinhas.

A escolha deste tema de estudo, deu-se a partir da visualização de várias imagens do período, com o intuito de tentar recuperar uma parte da história, que muitos picoenses chegaram a presenciar nas suas trajetórias de vida. Procurou também, neste trabalho, mostrar como as testemunhas de tal evento recordam desse episódio, onde para muitos foi um momento de grande dificuldade, principalmente para as pessoas que perderam a maioria de seus bens.

Assim, a pesquisa teve como objetivo geral analisar as conseqüências urbanas e sociais das enchentes na cidade de Picos, no período de 1960 e 1973, a partir da memória coletiva e individual. A partir desse objetivo, outros se mostram de nítida importância para a pesquisa, onde mostra as variadas estratégias sendo utilizadas pela sociedade para enfrentar o transbordamento do rio dentro da cidade, deixando marcas na memória. Assim, foi possível realizar no decorrer do trabalho alguns depoimentos, para poder compreender melhor como as pessoas que presenciaram essas grandes enchentes atribuem significados a eles.

Com isso, pensar a cidade de Picos, como campo de estudo, dentre as várias possibilidades, nos remete aos conceitos de memória, que permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo interfere no processo atual das representações. Portanto, as marcas da destruição, provocadas pelos excessos de chuvas, do período estudado, deixou na lembrança da população local o ressentimento da perda dos seus bens materiais, que não representavam apenas as suas posses, mas também, eram de grande valor afetivo. Com a nova história cultural, a cidade deixa de ser pensada apenas como materialidade e passa a ser vista como fruto dos

desejos e temores de seus habitantes, abrangendo assim, as pesquisas em torno da memória, e também do imaginário dos seus cidadãos.

Para a realização deste trabalho, foi usado o suporte metodológico da História Oral. Esta metodologia, permite recuperar informações sobre acontecimentos e processos, que não se encontram registradas em outros tipos de documentos; mas, principalmente porque permite o registro de visões de personagens ou testemunhas da história. Nisso, ao nos aproximarmos desse momento trágico que passou a população, procuramos nos apoiar metodologicamente no que diz Sonia Maria Freitas (p. 18 ,2002) acerca de “ [...] um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana”.

Foram realizadas quatro entrevistas, visto que todos os entrevistados, foram testemunhas do episódio das grandes cheias, fornecendo assim, dados para a construção do trabalho, pois as fontes orais, são peças fundamentais para a compreensão histórica do período estudado, sobretudo em decorrência da carência de fontes escritas, na cidade de Picos, que tratassem do assunto.

Segundo Thompson (1992), a história oral passa a ser compreendida, e construída em torno de pessoas chegando a lançar a vida para dentro da mesma, alargando o seu campo de ação, e contribuindo ao mesmo tempo para a formação de seres humanos mais completos. Em especial as pessoas mais idosas entrevistadas, que com seus relatos acabam ganhando mais autoconfiança e dignidade através de seus depoimentos, sobre fatos já acontecidos no passado, gerando para a história um grande valor documental, principalmente para as gerações futuras.

O historiador Bronislaw Baczko nos faz refletir através de suas análises um pouco sobre o imaginário desses fatos, afirmando-nos que o imaginário é histórico e datado, chegando a ser dividido em épocas onde os homens passam de fato construir representações para conferir o sentido real, tendo portanto todas essas construções expressas através de discursos, palavras, sons práticas, imagens, materialidades entre outros. (BRONISLAW, p. 43, 2003)

Outra fonte de pesquisa fundamental a ser trabalhada para a análise das grandes cheias na cidade de Picos, foram as fotografias, que encontravam

expostas no museu Ozildo Albano e outras na Secretaria Municipal de Educação de Picos. Esse material foi muito relevante, onde através da leitura de imagens, podem ser percebidas novas possibilidades para a análise do período em estudo. É importante considerarmos não só os depoimentos, mas sim o valor documental das imagens que ficaram armazenadas em álbuns de fotografias da época, pois registro como fotos, passam a nos dar um grande testemunho do acontecido na época (PESSAVENTO, p.87, 2004).

Ao falar especificamente de análises de jornais, segundo APUD (2011) o jornal é uma verdadeira mina de conhecimento: fonte de sua própria história e das situações mais diversas; meio de expressão de idéias e depósito de cultura.” Os jornais possuem um grande potencial de como numa cápsula do tempo, gravar, além dos acontecimentos, outros aspectos e uma gama de emoções, sentimentos, relações de poder. Tudo está lá, nas entrelinhas.

O presente trabalho encontra-se estruturado em dois capítulos, onde no primeiro capítulo mostraremos através das entrevistas, fotos e jornais o grande impacto que essas duas grandes cheias deixaram para a sociedade, dentro das áreas mais atingidas, sobretudo locais próximo ao leito do rio e parte da zona rural da região. No segundo capítulo, será abordado sobre os vestígios que ficaram guardados na memória do povo de Picos até os dias atuais, juntamente com o novo aspecto social, que a cidade ganhou após passar essas grandes catástrofes

Assim, através da pesquisa bibliográfica, do método/técnica da História oral e das imagens, pretende-se com esta pesquisa construir uma narrativa histórica, privilegiando os relatos dos autores que vivenciaram a maiores enchentes, que já ocorreram dentro de Picos, que alagou e destruiu ruas inteiras, chegando a ficar marcado na história do município e contribuindo para a construção da história e da memória da cidade nos anos sessenta e setenta.

2 As Enchentes de 1960 e 1973 – Regiões atingidas e o grande impacto registrado.

Ao tratarmos das enchentes ocorridas na cidade de Picos–PI, foi possível perceber que a cidade passou por um processo de expansão urbana, em período anterior às enchentes. Várias residências foram construídas,

muitas delas em áreas impróprias, próximas do Rio Guaribas. Nota-se a ausência de um planejamento adequado. Deste modo, foi grande o contingente de pessoas atingidas pelas enchentes, pois ao longo de décadas foram se estabelecendo em áreas de risco. Segundo a Revista Foco (2001), ainda nas décadas de 40 e 50, as margens do Rio Guaribas abrigavam algumas atividades econômicas, embora mantivesse áreas verdes.

Entre os anos 40 e 50 o município era apenas um aglomerado de residências de características rurais, era bastante verde devido ainda possuir mata ao redor das margens do Rio Guaribas, alguns trechos correspondia a propriedades particulares e eram dedicados a cultura de vazante realizadas durante o verão, dentre os produtos cultivados se destacavam o alface, o coentro, cebolinha, cebola e sobretudo o alho, produto no qual, o município passou por vários anos como grande produtor nacional. A outra atividade comum era a lavagem de roupas que era muito comuns grupos de mulheres utilizarem a o rio para essa finalidade. (REVISTA FOCO-EDIÇÃO- 2001)

Pelo que relata a revista, podemos perceber que a expansão residencial levou as pessoas a ocuparem o entorno torno do rio Guaribas, onde várias casas foram construídas. Talvez, devido ao seu aproveitamento para a agricultura, pois a cidade nessa época tinha na agricultura sua principal atividade econômica e as vazantes do rio eram a estratégia de sobrevivência de pequenos produtores.

As enchentes ocorrem em muitas cidades brasileiras, atingindo principalmente locais de risco por sua proximidade a rios, riachos. Desse modo, um fenômeno natural se torna um verdadeiro problema social em períodos chuvosos. No caso de Picos, podemos perceber na fotografia abaixo, que a cidade já possuía edificações bastante próximas às margens do Guaribas, já nas primeiras décadas do século XX.

ILUSTRAÇÃO 1: Picos sendo urbanizada nas primeiras décadas do século XX, próxima as margens do rio Guaribas.



Acervo: Secretária Municipal de Educação.Picos - PI

Talvez, para a população aquela localização das casas não representasse risco, já que não era comum a ocorrência de tamanho volume pluviométrico no período chuvoso. Porém, o processo de ocupação do espaço somado aos fenômenos naturais, vieram a se tornar motivo de transtorno para a população. Segundo Porto (1995), sem um bom planejamento urbano, o limite de uma ocupação de terrenos baixos, ou banhados por rios, vai depender muito da memória das cheias. Muito comumente, áreas com grandes riscos a inundações, que passam alguns anos sem enchentes, são loteadas e se tornam bairros residenciais. Esses bairros, fáceis de serem encontrados em cidades ribeirinhas, se tornaram um local passível de “desastres naturais”.

Vendo então a cidade começar o seu processo de expansão urbana a partir das margens do rio Guaribas, foi percebido através das fontes, que várias residências construídas nessa época, possuíam a sua estrutura física frágil.

As casas desse tempo era feita só de adobo, não se via ainda falar em casa sendo construída de ferro, era só o adobo com o barro amassado e molhado e coberta com telha, e a madeira dessa época era a carnaúba com umas ripinhas de pau para cobrir as casas, a casa que eu morava era assim também.(BORGES 2013)

No depoimento descrito pelo S.r Borges (2013), picoense, que na época presenciou algumas casas sendo construídas , podemos notar o quanto as construções residenciais desse período, pareciam ser bastante frágeis, dando então a compreender melhor o desastre que as cheias passaram a causar dentro do espaço urbano da cidade. Assim, não havendo planejamento adequado em torno da construção da cidade, a sua estrutura física precária em que foi sendo erguida, não suportou as constantes chuvas com o transbordamento do rio.

Ao analisarmos as consequências que essas cheias trouxeram para a sociedade picoense, passamos a fazer as discussões dessa pesquisa em torno da História Oral e algumas fotografias que estão disponíveis na Secretária Municipal de Educação e no museu Ozildo Albano, que ficam situados na cidade de Picos- PI. Sendo assim, observamos também alguns embasamentos teóricos de autores que trabalham com essa temática de estudo.

Entre os autores, que procuram fazer essas discussões em torno das fontes orais, percebemos no livro “ A Cidade sob Fogo “ de Francisco Alcides Nascimento (2002), que uma das melhores maneiras para se trabalhar em cima desses fatos é através da História Oral, onde essa fonte de pesquisa mostra uma série de imagens, construídas através de lembranças de pessoas que vivenciaram o fato, e ao mesmo tempo foram atingidas por essas catástrofes. Segundo Nascimento (2002), quando partimos para trabalhar com esses depoentes, é necessário fazer um planejamento da pesquisa, antes das entrevistas, para que o trabalho possa sair com um bom aproveitamento, onde só assim teremos a certeza de que esses tipos de fontes registradas e documentadas, irão passar a servir de reflexão para o estudo no momento presente, e também para compreender melhor os trabalhos de pesquisas e análises futuras.

É importante também perceber no decorrer da pesquisa, o valor documental relacionado a imagens para o desenvolvimento de muitos trabalhos, onde o uso dessa fonte de pesquisa nos poderá trazer certas revelações, como podemos notar a partir das indagações de Luís Humberto, ao considerar que “a imagem fotográfica é mais que a retenção de um fragmento real sobre o suporte. São trechos de uma realidade suspenso no tempo roubado da vida e devolvido a ela com revelações inesperadas”. (HUMBERTO APUD BORGES, 2008, S/P).

Com a visualização das imagens do período estudado, elas poderão também melhor ser analisadas e compreendidas, através da ajuda de algumas entrevistas orais, cujo o pesquisador Thompson (1992) nos mostra nos seus trabalhos de pesquisa que a História Oral passa a ser compreendida e construída em torno de pessoas, chegando a lançar a vida para dentro da própria história, alargando o seu campo de ação, contribuindo assim para a formação de seres humanos mais completos, dando total cabimento e oportunidade para os mais privilegiados, em especial as pessoas mais idosas entrevistadas, que com seus relatos, acabam ganhando mais auto confiança e dignidade, transmitindo um grande valor documental para a sociedade (Thompson, p.44, 1992)

Sobre as maiores enchentes já registradas em Picos, pretendemos no decorrer desse trabalho dialogar as fotografias e as narrativas dos entrevistados, pois quanto a todo esse conteúdo colhido, passaremos a compreender melhor as causas e as conseqüências dessas cheias, procurando indagar sobre o lugar social, em que tais imagens e descrições foram produzidas.

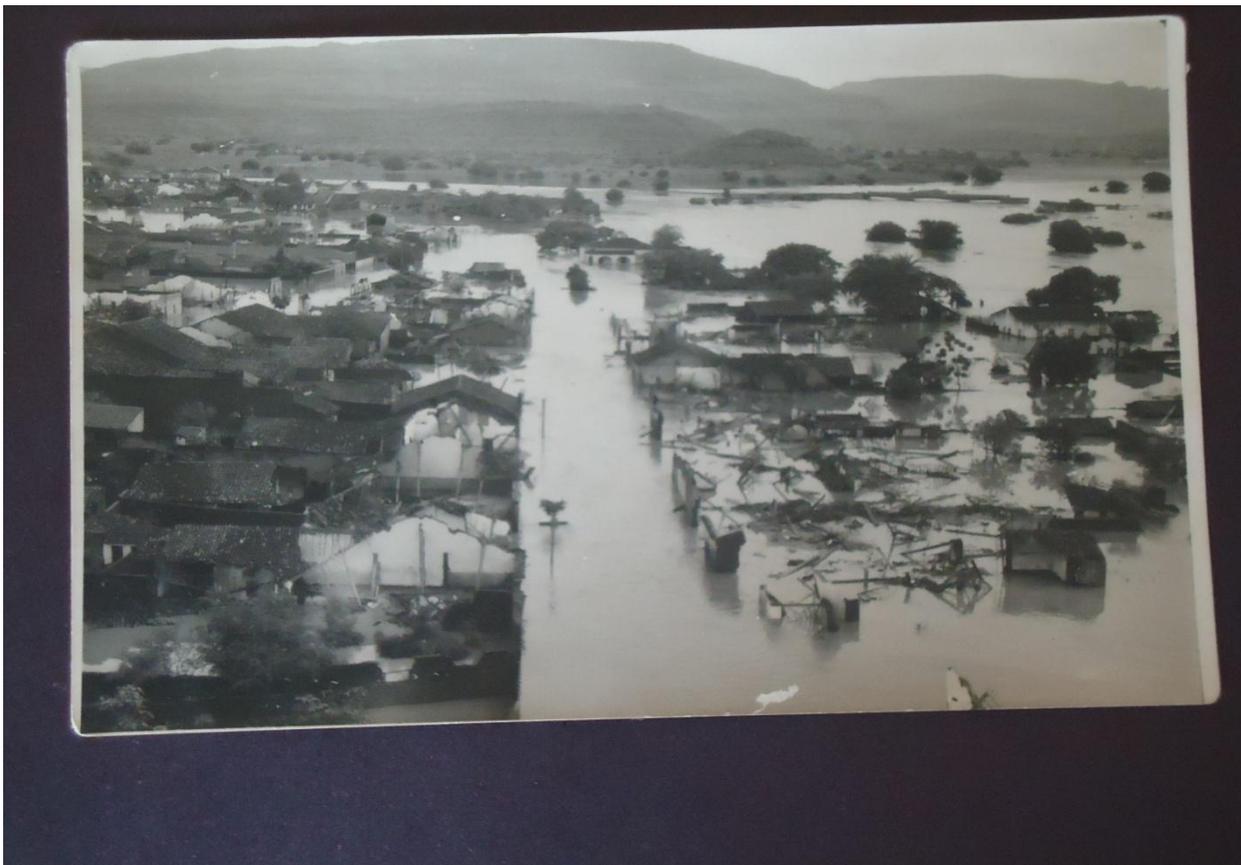
Assim, durante Março de 1960, o município de Picos – PI, passa conhecer a maior enchente de toda sua história, onde de acordo com as informações das testemunhas, que presenciaram esse período, as chuvas de inverno, começaram então a cair com mais intensidade dentro da região, a partir do dia 09 de Março de 1960, onde segundo a Revista foco 2001 foi considerado um período chuvoso não só na cidade de Picos , mas também em quase todo o Nordeste brasileiro.

Essa grande cheia, ficou guardado na memória coletiva e individual de várias pessoas , como um dos momentos de mais dificuldade, já enfrentado

pelo povo picoense, pois até aquelas datas, segundo os entrevistados, a população não tinha assistido de perto algo tão surpreendente e trágico nas suas vidas.

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, ocupando o espaço toda da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (Bosi, p.46-47,1994)

ILUSTRAÇÃO 2: (Enchentes de 1960) Casas sendo invadidas e destruídas pelas correntezas.



Acervo: Museu Ozildo Albano.

Com o aumento do volume das águas, ocasionado pelas fortes chuvas, que caía na região, várias residências passaram a ser alagadas pelas correntezas, onde arrastavam e destruíam casas, deixando assim muitas pessoas desabrigadas em quase toda a cidade, onde talvez, não só as casas de famílias ficaram prejudicadas, mas também vários armazéns comerciais, com suas mercadorias, pois apesar de Picos não ser na época uma cidade de grande porte, ela já possuía um variado grupo de comercio local.

O jornal o Dia, de Teresina, publicou em 1960, uma nota que mostra a dimensão da destruição, que a enchente ocasionou na cidade de Picos -PI:

Picos foi a cidade piauiense mais duramente castigada pelas inundações 50% de seus prédios residenciais foram destruídos e 5000 pessoas, representando metade da população urbana, ficaram desabrigadas. Outras cidades que sofreram graves danos foram Itainópolis e conceição do Canindé, o mesmo ocorrendo com os povoados de Patos (Jaicos) e Aroeiras (Picos) (O DIA 1960)

ILUSTRAÇÃO 3: (ENCHENTES DE 1960) . O aumento das águas invadindo a cidade.



Acervo: Secretária Municipal de Educação de Picos – PI

Com o transbordamento das águas do Rio Guaribas, penetrando aos poucos dentro da cidade, muitos cidadãos passam a viver momentos de pânico dentro das correntezas, pois as águas que desciam no rio, juntando-se com águas acumuladas das variadas chuvas do mês de Março, subia cada vez mais rumo as suas residências.

Foi um período de muitas chuvas, de chuvas intensas e torrenciais, choveu em muita região do Piauí, as pessoas viviam amedrontadas pela quantidade de água que acumulou em diversas ruas em Picos, muitas plantações destruídas e muitos animais mortos, me recordo muito bem da intensidade da água que foi acumulada no Guaribas. A água era tão intensa que levava tudo que tinha na frente, inclusive vi muitos animais, principalmente o gado sendo levado pela correnteza, presenciei o momento em que em que a ponte caiu, a água carregava tantas árvores que elas se prenderam nos pilares da ponte, e com a força da água ela não suportou, de repente ouvi um estralo muito forte e a ponte caiu, levando todo o material no qual a ponte era constituída(ALMONDES 2013)

Nota-se então a partir desse depoimento, narrado pelo S.r Almondes (2013), um dos picoenses que presenciou de perto essa catástrofe natural, a intensidade com que caíam as fortes chuvas, alagando e destruindo parte da cidade, e ao mesmo tempo as lembranças que ficaram guardadas na memória do povo até os dias de hoje, pois até o momento, nunca tinham presenciado tanta chuva cair com frequência na região, como aconteceu em Março de 1960.

Diante dessa situação emergencial, foi percebido através das entrevistas, o benefício que algumas instituições chegaram a fazer, como o exército do Estado de Pernambuco, a igreja católica e a prefeitura da cidade. O exército Pernambucano e o poder público da cidade de imediato disponibilizaram, alguns caminhões, carrinhos de mão e canoas para a remoção das pessoas atingidas, juntamente com alguns objetos que restara, já a igreja católica tentou confortar as pessoas com o seu sentimento religioso através do poder da fé, e na distribuição de alimentos e roupas, que recebiam de doações vindas de outras localidades. Através do depoimento do Sr. Josino de Sousa (2013) um dos afetados pelas cheias, nos informou, que chegou a presenciar algumas medidas de urgência sendo adotadas com os desabrigados dentro da cidade.

Eu vi algumas pessoas sendo colocadas lá no hospital São Vicente até passar as cheias e aqui hoje de trás da minha casa tem hoje uma marmoraria, mas na época da cheia existia aqui uma fábrica de algodão, e foi aqui onde muitas pessoas passaram a se abrigar até que as águas baixasse, nessa fábrica eles passaram a receber algumas coisas que tava sendo doadas como roupas e comidas, e não tinha fogão tiveram que queimar a lata num fogareirozinho. Vi também muita gente ser tirada com algumas canoas e cordas grossas que jogavam de um lado para outro para puxarem as pessoas, até eu ajudei tirar gente do meio das águas. (JOSINO, 2013)

Na narrativa descrita, pelo S.r Josino de Sousa (2013), picoense e morador do Bairro Boa Sorte, remete-nos a entender, que mesmo a população sendo arrasada pelas fortes correntezas, muitas famílias não ficaram

desamparadas no meio das águas, existindo assim entre o povo um verdadeiro laço de solidariedade para com os afetados.

ILUSTRAÇÃO 04 (ENCHENTES DE 1960). Pessoas observando o acúmulo de água dentro da cidade.



Acervo: Secretária Municipal Educação. Picos - PI

Podemos ver então como o volume das águas avançavam em direção as casas, invadindo ruas inteiras, provocando dentro de cada cidadão, um drama jamais visto e presenciado dentro da cidade, como também despertava o olhar dos curiosos, onde muitos talvez saíssem para assistir de perto o espetáculo das grandes correntezas, que cada vez mais aumentava o transbordamento do rio Guaribas, ou até mesmo se prontificando para o resgate das pessoas ilhadas. Portanto, ao fazermos esse estudo das grandes enchentes dentro da região de Picos, é importante considerarmos como peça fundamental para a construção dessa pesquisa, não só os depoimentos, mas sim o valor documental das imagens, que ficaram armazenados em alguns álbuns de fotografias do período, pois quando passamos a ter registro de algo

do tempo, como fotos, ela passa a nos dar um grande testemunho da época.
(PESSAVENTO, p.87, 2004)

ILUSTRAÇÃO 5: (Enchentes de 1960) Pessoas retirando os seus objetos



Acervo: Secretária Municipal de Educação de Picos - PI

É possível fazermos uma análise através da situação vivenciada na época, pessoas caminhando com objetos que sobrara sobre as águas, podendo ser os de mais utilidades, como documentos pessoais e roupas, indo a procura de locais mais seguros dentro da cidade.

Algumas pessoas que não foram atingidas passou ajudar os outros que perderam suas casas, cedendo o cômodo de suas casas pra ficar enquanto tudo passava e eu mais o meu marido José dos Santos Fonseca hoje falecido dedicamos e a ajudar também dando a minha casa para alguns ficarem até um certo tempo . (CARMEM apud ALBURQUEQUE, 2011)

Nesse depoimento, concedido pela historiadora Bruna Albuquerque (2011), do período estudado, passamos a compreender melhor o quanto o povo se comoveu com a situação presenciada das grandes cheias, mostrando assim um verdadeiro ato de compaixão existente entre pessoas atingidas e não atingidas.

ILUSTRAÇÃO 6 : (Enchentes de 1960) Pessoas observando os estragos da enchente do alto da igreja matriz.



Acervo: Secretária Municipal de Educação Picos - PI

A ilustração revelada do alto da igreja Matriz, em direção a rua São José, identifica as pessoas sendo retiradas as pressas com os caminhões, e ao mesmo tempo pode-se imaginar, os olhares das pessoas com sentimento de Tristeza e medo, indo refugia-se no alto da igreja Matriz, talvez para pedirem proteção divina pelo o que estava acontecendo, ficando assim preocupadas no que iriam fazer, perdendo o que já tinham conseguido ao longo de suas vidas.

Foi possível registrar em torno dessa trágica cheia, que as residências existentes na época, principalmente as que se encontravam mais próximas do Rio Guaribas, casas desabando e sendo levadas pelas correntezas restando apenas as suas vigas expostas. Com isso, diante dessa situação, ficou constatado através das fontes, que um Sr. muito rico na época (Mestre Abrão Conrado) que chegou a possuir mais de cem casas de aluguel, nas proximidades do rio, teve total prejuízo, onde segundo o Sr. Pedro Mundim Conrado (2013), um dos entrevistados chegou a relatar.

“ Eu nunca tinha visto aquilo antes na minha vida, foi fei, eu pensava que era chuva normal, só que quando cuidei, a água já tava dentro da minha casa, eu morava aqui do lado na vila Marvão numa casinha de aluguel do meu primo Abraão, ele tinha muitas casinhas de aluguel e acabou perdendo tudinha, num ficou uma se quer inteira; as vezes quando tava começando a ficar mais fraca a chuva a gente pensava que já ia parar mas quando cuidava começava tudo de novo foi o mês quase todo de Março era o dia todo só de água, eu e minha mulher ficamos sem nada só com algumas roupinhas e uns documentos meu, as águas eram tão forte que levou tudo de dentro de casa, cama , mesa cadeiras e os baús com as roupas; fiquei praticamente sem nada, e eu na época sabia nadar mas vi muita gente sendo tirada nas conoas essas também perderam tudo que tinha dentro de suas casas .(CONRADO , 2013)

Deixarem suas casas e os seus objetos não eram decisão fácil de ser tomada, mesmo sendo ameaçado pelo volume das águas, que a cada momento subia mais. A casa, é antes de ser apenas um bem material, é um lugar em que seu proprietário se identifica e se desenvolve o sentimento de “ pertencimento”. Não obstante, os objetos contidos na casa, não são diferentes, pois são objetos de memória. Assim, a casa e os objetos são carregados de

afetividade e, por isso são visto como lugares e objetos de memória, que segundo Maurice Halbwach (p.157, 2006)

Nossa casa, nossos imóveis e a maneira com
são arrumados, todo o arranjo das peças em
que vivemos nos lembram nossa família e
amigos que vemos com frequência neste
contexto. [...] contudo moveis enfeites, quadros
utensílios e bibelôs circulam dentro de um
grupo e nele são apreciados, comparados, a
cada instante descortinam horizontes das
novas orientações da moda e do gosto, e
também nos recordam os costumes e as
antigas distinções sócias.

As pessoas atingidas por essas grandes cheias, deixaram para trás suas casas, e vários objetos contidos nela, pois as chuvas não cessaram, e o volume das águas dentro das ruas só aumentava, obrigando assim os moradores a se retirarem de imediato de suas residências a procura de locais mais seguros, temendo em perderem a própria vida.

Com a colaboração das lembranças dos depoentes da época, foi possível também perceber o surgimento de alguns fatos, sobre as causas que poderiam ter contribuído, para que tanta chuva e destruição acontecessem dentro da cidade de Picos. O depoente Sr. Pedro Mundim Conrado (2013), informava que muitos começavam a dizer que tudo isso que estava acontecendo, era um castigo de Deus, por as pessoas estarem pecando muito. Outros comentavam, que eram pelo fato de estarem rezando dias e noites só pedindo para Deus mandar chuva, pois antes de tudo isso acontecer, segundo A Revista Foco (2001), a região picoense passou a enfrentar um período de seca enorme no ano de 1959, deixando muitos agricultores com perdas irreparáveis nas suas plantações, e nisso a saída para muitos dos cristãos católicos da região sob o comando do padre, foi realizar várias penitências na porta da igreja, onde clamavam para Deus mandar mais água para a população, que estavam carentes de chuvas.

Além disso, outra causa que pode ter contribuído para ocorrerem esses dias chuvosos na região, encontram-se guardadas dentro da crença popular, onde em uma das entrevistas realizadas e concedidas pela historiadora Bruna Albuquerque (2011), do período estudado, relatou através dos seus depoentes, que a lenda prega que se existe falta de chuvas a solução do

problema seria roubar um Santo Antonio, e escondê-lo. Assim, como espécie de punição, a pessoa que rouba o santo é prejudicada com as grandes chuvas e acaba indo parar no local que escondeu. Assim, a entrevistada Conceição Cabral(2011) afirma ter acontecido esse episódio em sua casa no ano de 1960, pois um de seus primos, de nome José Wilson Lélis Aragão, que morava em Jaicós cidade vizinha de Picos, veio a cidade para visitar a família e sempre reclamava do calor e da falta de chuvas na região. Tentando resolver o problema, José Aragão não apelou para as orações e pedidos, partiu logo para o roubo do santo ,como conta dona Conceição Cabral:

Eu tinha um primo muito danado que morava em jaicós e estava passando uns dias aqui. Ai, ele disse: “ nesse lugar não chove, disse que bom é roubar um santo Antonio”.

Ai, minha mãe tinha um santo Antonio pequeno e o Santo Antonio desapareceu. E diz a lenda que a pessoa quando rouba um santo Antonio, a família vai parar no lugar onde o santo Antonio estava.

E ai, a gente ficou desabrigado e Dr. Oscar, que nesta época era diretor do Hospital São Vicente, havia feito uma parte lá atrás que não tinha usado ainda. Aí ele ofereceu para eu pai morar lá. Aí, nós fomos e era lá que estava escondido o santo Antonio, por trás da imagem de São Vicente, no altar da capelinha. Ai, eu fiquei acreditando na lenda. (CABRAL apud ALBURQUEQUE, 2011)

Coincidência ou não, percebemos que a profecia de roubar o santo Antônio se cumpriu. As grandes chuvas vieram com grande intensidade, fazendo com que o imaginário popular de acreditar na lenda do santo Antônio aumentasse ainda mais. No entanto, a proporção das enchentes de 1960 foi assustadora para a população local, além das lembranças de quem viveu o período, dos causos e das lendas em torno desse fenômeno.

Na história oral, o objeto de estudo do historiador é recuperado e recriado por intermédio da memória dos informantes, a instância de memória passam necessariamente, a nortear as reflexões históricas, acarretando desdobramentos teóricos e metodológicos importantes. [...]. (MIKKA apud AMADO, FERREIRA, p.15, 2006)

ILUSTRAÇÃO 7: (Enchentes de 1960) Casas destruídas**ACERVO: Museu Ozildo Albano**

.Ao passar esses dias chuvosos, é possível ser visto na imagem, o grande impacto de destruição ocasionado pelas enchentes de 1960, mostrando também, as pessoas andando sobre as ruínas das suas casas, talvez contabilizando os prejuízos que ficaram para elas.

Quanto a esse terrível impacto devastador, ocasionado pelas intensas chuvas, ficou constatado, que não só aparentemente existiu perdas materiais, mas humanas também , sendo umas vítimas de afogamento e outras de choques elétricos, onde o Sr. Napoleão Bezerra muito conhecido na época,

morador da rua da Malva, foi eletrocutado enquanto retirava os entulhos de sua residência. (REVISTA FOCO-EDIÇÃO-2001. PICOS - PI)

ILUSTRAÇÃO 8: (Enchentes de 1960) Pessoas carregando o que sobrou das correntezas



Acervo: Secretaria Municipal de Educação.Picos - PI

Podemos ver nessa ilustração as pessoas carregando o que restou das enchentes, como também, a maneira como elas tinham pressa em procurar logo um local mais seguro e adequado para se refugiarem, pois pode-se imaginar, que para elas, parecia que o nível da água dentro da cidade não ia parar de subir, as chuvas a qualquer momento poderiam vir a cair novamente com grande intensidade.

ILUSTRAÇÃO 9: (Enchentes de 1960) Rua São José completamente destruída.



Acervo: Secretária Municipal de Educação de Picos -PI

As pessoas andando pelos locais que restavam das suas residências, logo após as águas baixarem, parecia talvez pensar o que iriam fazer para organizarem-se e reconstruírem tudo novamente, pois agora para alguns desses moradores, que presenciaram essa catástrofe, poderia restar dúvidas em suas mentes, temendo em ficarem residindo no mesmo local e acontecer tudo novamente.

ILUSTRAÇÃO 10: O que restou após as cheias.**Acervo:Secretaria Municipal de Educação de Picos - PI**

A solução imediata para algumas pessoas ao verem suas casas destruídas pelas águas, como mostra na imagem, foram sair desses locais de riscos, em procura de outros mais seguros, e mais afastados do leito do rio. Outros preferiram reconstruir novamente as suas residências, pois diziam que não tinham como sair e comprar terrenos em outros locais, devido as suas condições financeiras, que eram poucas, onde os mesmos afirmavam que Deus era quem iria os proteger e dar condições para edificarem aos poucos suas moradias. Nesse momento de sair de um local e residir em outro mais seguro, ficou registrado que um dos locais que passou a ser privilegio de moradia para alguns desses moradores que temiam as cheias novamente, foi nas proximidades do atual morro da Mariana, onde até hoje se ver residências construídas por pessoas que foram afetadas, como conta o Sr. Pedro Mundin Conrado (2013):

Quando tudo passou, eu só via gente se lamentar, eu era uma delas, muitos dos que perderam as casas reconstruíram de novo, já outras saíram daqui e foram para perto do morro da Mariana e também ali no pé do morro do chão dos Padres onde hoje é o Bairro paroquial, e eu como não tinha muita condição fiquei aqui mesmo, até hoje moro aqui, confiando em Deus que nos protege, as vezes quando vem inverno forte eu fico só lembrando o que a gente já passou nesse lugar.(CONRADO, 2013)

O S.r Pedro Mundin Conrado (2013),, que reside na Rua São Sebastião da cidade de Picos, relata que foram várias as vítimas que perderam suas casas, mostrando o momento em que muitos ao verem o grande impacto que as cheias deixaram nos seus lares , preferem buscar de imediato, locais mais seguros, e afastados do leito do rio, e já outros com condições financeiras inferiores, reconstruíram aos poucos tudo novamente, acreditando apenas na proteção divina.

Um dos meios de comunicação, que circulava na época, o jornal “A Voz do Campus 1960” que entrevistou alguns dos atingidos pelas enchentes, percebemos no decorrer dos seus relatos, a maneira como, se lamentavam das questões de solução adotadas pela prefeitura da cidade.

O ideal para nós era que prefeitura diante da situação presenciada tomasse medidas adequadas para o povo; fazendo a desapropriação de todos os bairros atingidos e doação de terrenos para moradias em locais distantes do rio para os menos favorecidos, ou ainda o desvio total ou em parte do leito do Guaribas(JORNAL `` A VOZ DO CAMPUS`` 1960)

De acordo com essa fonte de entrevista, dar entendermos, que poucas medidas foram adotadas pelo poder publico municipal da época, na questão de doar para o povo terrenos em locais mais seguros, ou até mesmo em ajudar na compra de material para a reconstrução das suas residências, pois diante dessa situação, esperava-se mais a contribuição por parte dos órgãos públicos da cidade.

Sendo assim, logo após a grande enchente de 1960, a população de Picos (Pi) conseguiu passar ainda alguns anos sem preocupação com as grandes cheias do rio Guaribas. Portanto, durante o mês de abril de 1973, novamente os picoenses começaram a enfrentar mais um inverno rigoroso na região, tendo-se notícia que as grandes chuvas não afetava apenas as regiões do Piauí, mas também boa parte das cidades nordestinas. Nisso, com as pancadas das chuvas aumentando a partir do dia 14 de abril, espalhou-se pela cidade toda, a notícia de que o rio Guaribas estava recebendo uma grande tromba d` água , pois se tinha visto falar através dos meios de comunicação da época como o rádio, que algumas barragens dos Estados do Pernambuco e do Ceará, tinham rompido suas paredes, devido ao excesso de chuva que caía em várias regiões, como narra um dos entrevistados:

Nesse tempo eu morava no povoado Alegre, morava um pouco perto do rio, eu vi muito estrago nessas cheias, a água era forte de mais, onde passava arrastava tudo, e chovia direto, eu e minha família não sabia o que fazer, minha mãe ficava só rezando, pois na região do povoado Alegre lá era tudo arrudiado de riacho e o rio ficava poucos metros de casa; na minha casa a água veio até perto da calçada, mais muitas das que eram mais perto do rio a água levou . Nesse tempo só via falar nos rádios que chovia em muitos lugares do nordeste e que algumas barragens do Ceará e Pernambuco tinham arrebentado suas paredes e que Picos corria o risco de ter boa parte da cidade coberta de água .Nessa época a gente usava muito o rádio a pilha, e só se via as notícias dessas cheias” (BORGES 2013)

No depoimento descrito pelo picoense Anísio Antonio Borges (2013), nota-se mais um momento trágico, que a população de Picos passa a enfrentar perante as grandes cheias , que chega mais uma vez atormentar a vida de muitos cidadãos, onde também, percebe-se como os meios de comunicação da época, principalmente o rádio, influenciavam muito na vida cotidiana das pessoas, tendo a importância do mesmo em transmitir as notícias de uma região para outra, principalmente as emergenciais. Nessa época, os moradores de vários Bairros atingidos, foram avisados para abandonarem as suas casas com antecedência, pois tinham notícia que seria mais uma grande catástrofe dentro da cidade. Para tanto, no decorrer de mais uma grande enchente, segundo o jornal a “Voz do Campus 1973” as viaturas da polícia

militar, do 3º BEC, da prefeitura , e o povo em geral, entraram em ação transportando as mudanças desses moradores, para locais seguros, como grupos Escolares, o Bairro Paroquial, Serse, Salão do Pão dos Pobres e Circulo dos Operários, pois a medida em que os dias se passavam com as fortes chuvas , o rio ia mais uma vez penetrando aos poucos na cidade, causando espanto e medo para a população. Com isso, a aflição daqueles que se via prejudicados era grande, sem saberem para onde ir, mas para outros aquilo era uma atração singular, sendo que já estavam acostumados com esses tipos de situações, pois a pouco tempo atrás, nas cheias de 1960, já tinham visto a cidade ser completamente inundada pelas águas, que invadia e destruía as residências, onde uma senhora da época em depoimento ao jornal `”A Voz do Campus” dizia o seguinte:

“Vocês que não são daqui devem estar apavorados, mas nós já estamos acostumados, a pouco tempo perdemos tudo com essas chuvas.” (”A VOZ DO CAMPUS “ 1973)

Ainda segundo o jornal `”A voz do Campus “que relatou ter entrevistado mais de 600 famílias atingidas pelas inundações, foi registrado então dentro do espaço da cidade, o momento de mais uma angustia vivida pelo povo, que viram mais uma vez, suas residências sendo destruídas pelas fortes águas, que as chuvas traziam juntamente com as correntezas do rio. Nisso, para poder resolver essa situação dos atingidos pelas cheias de 1973, algumas instituições de imediato não deixaram o povo perecer, o 3º BEC da cidade, prefeitura, Campus Avançado e a Casa Paroquial, passaram a distribuir várias doações arrecadadas vindas de muitas localidades, incluindo alimentos e vestimentas, além da ajuda do Governo do Estado e da Secretária de Saúde que chegaram a aplicar várias vacinas , na maioria das pessoas atingidas para não contraírem doenças.(“ A VOZ DO CAMPUS” 1973)

As fontes orais dos jornais, é considerada como uma fonte, um documento, uma entrevista gravada que podemos usar da mesma maneira que usamos uma notícia de jornal, ou uma referência em um arquivo, ou também em uma carta, pois fontes orais formam peças fundamentais para a compreensão histórica do período estudado(SÔNIA, 2002 p. 18)

As perdas em Abril de 1973, foram também desastrosas, muitos cidadãos picoenses, perderam tudo que tinham nas suas residências, como conta o jornal que circulava na época:

“ Grande surpresa foi para o Dentista prático Sr. Valdemar Gomes Campos que viu sua boa casa cair às 4 horas da manhã de domingo. Ele não esperava tal acontecer, haja visto que estava afastada da invasão á beira do rio. A sua construção era de boa qualidade, edificada em 1970 e tinha 6 cômodos. Vai lutar para levantá-la de novo enquanto permanece no Círculo Operário com sua família. Além de tudo isso, é de se registrar as centenas de casas (barracos) que caíram nos bairros Trizidela, Ipueiras e em toda a beira do furioso rio Guaribas.(“ A VOZ DO CAMPUS” 1973)

Mesmo as construções sendo de boa qualidade, nota-se que o grande impacto dessa grande enchente, não foi muito diferente da de 1960, foi forte e devastadora, deixando assim várias residências caídas e ruas alagadas.

2.1 A zona rural sendo atingida

Durante essas grandes cheias , ficou constatado, que não foi apenas só o espaço urbano da cidade, que sofreu com as fortes chuvas, boa parte das comunidades rurais da região, também passaram a ser atingidas. Algumas dessas localidades, como a zona rural do Povoado Alegre, e demais regiões interioranas banhadas pelo rio Guariba, foi possível perceber através de alguns depoimentos de moradores, áreas de lavouras sendo destruídas, juntamente

com os animais de criação dos proprietários rurais, como relata o Sr. Hermogenes (2013).

Essas chuvas de 1960 foi a mais forte que até hoje vi, a água veio até aqui na ponta dessa calçada, nas minhas terras eu perdi toda a plantação até os animais de criação a água levou, no ficou nada dentro das roças até as cercas de arame essa cheia levou, tinha lugar nas roças perto do rio que a água cobriu até as carnaúbas onde só via a pontinha das palhas no meio das águas.(HERMOGENES, 2013)

Na descrição acima, narrada pelo S.r Hemogenes (2013), morador da zona rural do povoado Alegre, podemos notar que a zona rural embora fosse mais afastada da cidade, não deixou também de ser um alvo para as enchentes de 1960, grandes perdas materiais puderem ser presenciadas pelos seus moradores, principalmente dentro das áreas de plantio que eram de onde saiam seus sustentos.

Já em abril de 1973, não foi diferente, registraram-se, dentro de algumas localidades interioranas da cidade, como aconteceu na cheia 1960, que os prejuízos também não só afetaram a zona urbana, boa parte das lavouras dos agricultores, que ficavam nas proximidades do rio Guaribas, foram destruídas, como conta o jornal :

O Sr. Almeida teve prejuízos com 10 tarefas de arroz, 280 pés de laranjeiras recém plantadas, 800 metros de estacas de madeira para cerca, juntamente com os arames, as grandes correntezas destruíram tudo (``A VOZ DO CAMPUS``.1973”)

2.2.Comparando as duas grandes enchentes.

Portanto, diante desse cenário historiográfico sobre as maiores enchentes que Picos – PI, já registrou, em toda sua história, nota-se que os prejuízos foram desastrosos para a população em geral. Com isso, ao fazermos uma comparação entre essas duas maiores catástrofes naturais do período estudado, existe uma série de divergências quanto ao seu grau comparação, pois para alguns não mudou quase nada os prejuízos foram iguais, mas já para outros as cheias sessenta foi realmente a mais devastadora, onde calcula-se que os prejuízos foram maiores, sendo que até mortes ficaram registradas, enquanto na de 1973 houve apenas perdas materiais para seus

moradores . Nisso, de acordo com as entrevistas realizadas pelos meios de comunicação da época, podemos perceber as varias opiniões, acerca da comparação das duas grandes enchentes, onde um dos depoimentos dizia o seguinte:

O Sr. Almeida Guimarães proprietário de uma fazenda situada no Bairro Ipueiras, explicou a reportagem que sua casa está localizada a 5,12m acima do leito do rio e que registrou numa parede, construída em 1958 as seguintes alturas atingidas pelas cheias : 1960-4,22m de água,1973-3,72m. ('A VOZ DO CAMPUS`´ 1973)

Percebe-se então que a diferença do nível da água das duas e maiores cheias era pouco, sendo que de todos os entrevistados do período a maioria relatou que as cheias de Março de 1960, foi a que mais chamaram atenção para a sociedade , devido a grande força com que as águas desciam do rio, juntamente com os variados dias chuvosos, penetrando e levando tudo que se via pela frente.

Após esses períodos de destruição ocasionados pelas surpreendentes e maiores enchentes de toda a história de Picos, percebemos então no decorrer das entrevistas, que a população , não se recolheu em momento algum em luto profundo, manteve a sua fé e esperança em dias melhores, pois agora, diante dessa dificuldade presenciada, era preciso organizar-se, e tentar reconstruir novamente o que perderam.

3 Registros que ficaram guardados na memória dos picoenses até os dias atuais.

A população picoense durante os anos de 1960 e 1973, chegou a passar momentos de grande desespero diante das grandes enchentes, vendo assim suas vidas mudarem com as perdas materiais, imateriais e humanas. No entanto, percebemos através das análises dessa pesquisa, vestígios que ficaram guardados ainda no imaginário da população local.

Nesse contexto, sobre os vestígios, que ainda penduram na imaginação popular, nota-se a exemplo do medo sentido pela população ainda

nos dias de hoje, como também da busca da fé destes, para não passarem por uma nova e grande desastrosa enchente, onde podemos perceber a oração narrada pela dona Carmem Fonseca (2011):

Na hora que a trovejada cai, eu fecho a casa, tampos os espelhos e me aquieto. Eu vou rezar. Eu rezo pego logo o terço e vou rezar até acabar. Tem até uma reza que é assim: "Chagas aberta? coração ferido/ sangue de nosso senhor Jesus Cristo/ Livrai-me de todos os perigos". Essa reza é para acalmar a chuva. (CARMEM, apud, ALBURQUERQUE(2011)

Presencia-se então, nesse depoimento, o medo que está depositado nas lembranças em que dona Carmem tem diante das grandes cheias que Picos já passou durante o século xx , e ao mesmo tempo nota-se, a confiança depositada em sua oração, que para ela é bastante poderosa e capaz de acalmar as fortes chuvas, como também a esperança de que esse trágico momento não se repetiria .A partir dessa crença buscada na cultura popular, a maior parte da sociedade picoense é constituída de um tradicionalismo cristã, onde busca cumprir um padrão de vida construída na fé, no bom comportamento e na preservação da moral e dos bons costumes.

Essa sequência de acontecimentos das grandes cheias, que ficaram guardada na memória das pessoas, vemos que seus registros não foram guardados apenas nas entrevistas concedidas aos jornais, que circulavam na época, pois o fruto dessas trágicas lembranças das cheias, passaram também a serem desenvolvidas em produções literárias, onde alguns poetas da região, como Lourenço Campus, retrata bem esses episódios das cheias, chegando a produzir alguns versos de poemas.

Lourenço Campos

De dois rios que se aliavam:
Guaribas e Riachão!
Era o prenúncio do abraço covarde,
A sede do ódio que no peito arde,
Era o projeto da destruição.
São quatro horas da tarde.
Lá se vem o rolo compressor.
Lá se vem o anel de ferro liquidificado
Lá se vem o cordeiro que se fez um cão.

As águas vão alagando...
Aumentando... aumentando...
Cercas velhas, árvores desganhadas,
Dando adeus aos terrenos que ficaram...
E nos balseiros dando botes retorcendo,
Grandes cobras, raivosas vão descendo...

O povo vai recuando.
A noite vem chegando.
Estronda surdo o trovão.
Estrondos na cidade.

As casas vão caindo
Como gigantes baleados,
E tombam pelo chão...
A cada casa que cai
Reboa na escuridão os gritos
Que se perdem no infinito,
Como se fossem punhaladas
Vibradas sem compaixão
Em cima de um coração.

São onze horas!
A chuva agora é mais fina!

53

Lourenço Campos

Teme-se o desabar do morro.
Há lamentos de horror!
Ouvem-se gritos espavoridos:
- "Socorro... socorro..."
As casas continuam desabando...
Os estrondos das quedas se confundem
Com o ribombo do trovão ralhando...
A chuva continua metralhando...
O rio monstro com tentáculos de polvo
Vai dominando...
Vai cercando...
É rubro o rio!
É negro o firmamento!
Chora o neném assombrado.
Ouve-se a mãe que chora,
Como é triste o seu lamento:
Parece voz da guitarra que implora:
- "Valha-me Nossa Senhora."

Já passa de meia noite.
Trinta de março.
A chuva continua a cantar:
Chua...Chua...
Já se foi uma banda da cidade.
A amplificadora começa a tocar.
É uma marcha funérea,
Que faz o povo chorar...
E uma voz rouquenha e lúgubre
Começa a orientar:
- "Estão na praça os caminhões do "Denoques"
Pra quem quiser se retirar",
Mas ninguém pode fugir.
Há um cerco líquido
Por terra e por ar:

54

Nos versos citados acima de Lourenço Campos, podemos compreender melhor que essas grandes enchentes que afetaram a sociedade local, além trazerem grandes prejuízos para a população, passaram a ficar fertilizada dentro do imaginário da população local, fazendo das grandes cheias momentos marcantes e imortais na memória do povo de Picos. Portanto, quanto a esses registros que passam a ser armazenados dentro da memória individual e coletiva das pessoas, passamos a entender melhor esse espaço

memorial, onde segundo Halbwachs(p.170, 2006) através de suas análises relata que:

Não há memória que não aconteça em contexto social. Ora, o espaço é uma realidade que dura: Nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retornar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que lhe circunda. E ao espaço, ao nosso espaço- o espaço que ocupamos por onde passamos muitas vezes, a que sempre temos acesso e que de qualquer maneira, nossa imaginação ou nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças reapareça.

Assim, perante a essas grandes cheias que o povo de Picos passou , a religiosidade popular as crenças e anedotas, encontram-se no espaço profícuo do imaginário local. Por imaginário, entende-se como “ [...] um sistema de idéias imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo” (PESSAVENTO, p.43, 2004).

“O açude de Orós era o mimo do sertão, acabou com sítios , vilas ,cidades e povoações quinze léguas não é brincadeira não.O padre Cícero já falava nessa era de clamor e eu pedi a Deus do céu e a nossa senhora das dores que não mande esse pobre castigo para o lavrador. Começou a tromba d'água da quarta para a quinta feira vinte e cinco Rios entrando no alto da cabeceira. As quatro horas da tarde quando o rádio anunciou dizendo que a grande barragem de Orós arreventou quebrou o paredão e a cheia já levou” (BORGES 2013)

Nessa cantoria de repente, narrada pelo S.r Anísio Antonio Borges (2013), nos dar a entender,como essas famílias da vida real, que conviveram com essas grandes catástrofes, não podem apagar o seu passado, e alterar a sua história de vida tão sofrida. A literatura, permite o acesso, ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiam seus passos, os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a

ver sensibilidade e representa o real, sendo fonte privilegiada para a leitura do imaginário (PESAVENTO, p.82, 2004).

Outros aspectos que ficaram registrados na memória picoense, com esse episódio das cheias, foi o surgimento de alguns novos Bairros dentro da cidade, tendo como exemplo o Bairro Paroquial, onde segundo o entrevistado Pedro Mundim Conrado (2013), nos informou que na época, esse novo local de habitação surgido, se deu a partir do grande impacto de destruição que as enchentes deixaram dentro do espaço urbano da cidade. Com isso, esses acontecimentos, chamaria a ação de um padre da época (Geraldo Gereon), que juntamente com a equipe da casa paroquial, passou a doar terrenos pertencentes a igreja católica para os desabrigados. Com isso, outro local que ganhou destaque, foi o Morro da Aerolândia, que na época foi comprado pelo Sr. Mestre Abrão Conrado, com o intuito de lotear e construir casas para alugar, pois recentemente o mesmo tinha perdido mais de cem casas de aluguel nas proximidades do rio, como narra um dos entrevistados:

Depois dessa grande cheia de sessenta esse primo meu Abraão tinha perdido muitas casinhas de aluguel perto do rio, a chuva levou todas ,com um tempo depois que ele teve esses prejuízos ele começou a vender boa parte dessas casas e comprou aquele morro que hoje é a Aerolândia que antigamente era roça, e ali ele começou a construir casas para alugar e lotear terrenos para vender. (CONRADO. 2013)

Nesse contexto narrado, das grandes cheias dentro da cidade de Picos, nota-se que essas enchentes, não foram só referencia de destruição para a cidade , porque além de deixarem boa parte dos cidadãos aterrorizados com as perdas, ao mesmo tempo chega a mostrar para alguns, uma nova visão de expansão para o projeto da cidade. Assim, percebe-se, a mudança apresentada no aspecto social do planejamento da cidade, com o surgimento de novos locais de moradia, sendo escolhidos mais afastados do leito do rio,

por iniciativa particular, fruto da experiência de quem perdeu, e não por planejamento do setor público. Pois novas casas foram feitas em áreas de risco.

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar através de narrativas induzidas estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimento sobre essa história vivida (ALMEIDA 2010)

Mediante os vestígios que ficaram guardados na memória do povo , podemos compreender, que o episódio das grandes enchentes em Picos, ainda nos dias de hoje chegam a pendurar-se dentro do imaginário da população. Pois, além de ficarem registros contidos nas suas memórias, juntamente com as fotos, poesias e jornais, passamos a perceber a partir dessa reconstrução histórica, que sempre ao olharmos em direção para alguns locais da cidade, como exemplo o morro da Mariana, recordaremos como essas grandes cheias do período estudado, contribuíram para que a cidade ganhasse um novo aspecto estrutural e expansionista, mesmo sem ser planejada pelo poder público municipal da época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tentar reconstruir a história de alguns fatos, que marcaram a vida cotidiana dos cidadãos picoenses, percebemos de início que não é uma tarefa fácil, principalmente pela carência de fontes que tratam sobre a cidade. Com isso, mesmo tendo se deparado com as dificuldades, esta monografia se mostra importante, apresentando alguns resultados da pesquisa feita sobre o grande impacto das enchentes de 1960 e 1973, a partir da memória dos atingidos.

Portanto, apesar de encontrar certas limitações, foi reconstruída uma parte da narrativa histórica dos momentos mais tristes que a população chegou a enfrentar com as grandes cheias, mostrando o grande impacto de destruição dentro da região, juntamente com os vestígios que ficaram guardados na memória dos povo, até os dias de hoje, além de mostrar o novo aspecto social que a cidade ganhou no decorrer desse recorte temporal. Portanto, a pesquisa tem por objetivo compreender a conjuntura sócio-histórica da partir dos fragmentos da memória coletiva e individual. Para isto, fez-se necessário narrar o cotidiano das pessoas e os sentimentos dos desabrigados, e entender as ações políticas adotadas para a reconstrução da cidade logo após as enchentes.

Nesse trabalho, foi desenvolvido informações fundamentais para a composição textual da monografia a partir das fontes orais, as fotografias, os jornais e alguns poemas. Assim, essa temática de estudo sobre as grandes cheias catastróficas dentro da região de Picos , é apenas o ponto inicial para começar a reproduzir momentos históricos que ficaram guardados no imaginário da população local .

O desenvolvimento desse trabalho sobre as enchentes, teve como principal fundamento, reconstruir uma importante parte da História da cidade de Picos, chegando torna-se uma boa referência para futuros pesquisadores que pretendem trabalhar com esse tema, ou até mesmo servir de incentivo para trabalhar novos temas e possibilidades históricas sobre a cidade de Picos.

REFERÊNCIAS

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **Historia Oral** - memória, tempo, identidades.

Lucília de Almeida Neves Delgado. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica 2010

NASCIMENTO, Francisco Alcides do;MONTE,Regianny Lima (Orgs) **Cidade e memória.**

Teresina, PI: EDUFPI/ Imperatriz, MA: Ética, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatagy. **História e História cultural.** 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

REVISTA FOCO.111 Anos Picos, **Nossa História. Picos:** Comemorativa, 2001.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** História oral Rio de Janeiro . Paz e terra 1992.

AMADO, Janaina. FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da Historia Oral.**-8.Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob Fogo:** Modernização e violência policial (1937-1945).Teresina; Fundação cultural Monsenhor Chaves, 2002.

BARROS, José D´Assunção. **Cidade e história.** Petrópolis, RJ: Vozes,2007.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e fotografia.** 2. Ed. 1. Reimp.- Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.**São Paulo:Vertice,1990.

-----A memória coletiva.[Trad.Beatriz Sidow].São Paulo: Centauro,2006.

LE GOFF,Jacques .**História e memória.** 5. ed. Campinas, São Paulo;Editora da UNICAMP,2003.

BOSI, Eclea. Memória e sociedade: **lembrança dos velhos.** 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos.** São Paulo: Humanistas, 2002.

ALBANO, Maria da Conceição Silva; SILVA, Albano. **Picos nas Anotações de Ozildo Albano**. Picos, 2011.

PICOS. Disponível em: <HTTP:WWW.picos.pi.gv.br/conheçapicos.asp#> acesso em 7 set.2013.

PICOS.Disponível em : <HTPP://PT.wikipedia.org/wiki/Picos>-acesso em 10 nov.2013.

Fontes orais

CONRADO , Pedro Mundin.Entrevista concedida a Joseano de Moura Leal.Picos(PI), 23 de novembro de 2012.

SOUSA, Josino de. Entrevista concedida a Joseano de Moura Leal. Picos(PI), 25 de janeiro de 2013.

BORGES. Anísio Antonio. Entrevista concedida a Joseano de Moura Leal. Picos(PI), 22 de outubro de 2013.

HEMOGENES, Francisco.Entrevista concedida a Joseano de Moura Leal.Picos(PI),15 de agosto de 2013.

Monografias utilizadas.

SILVA, Tonny César Barbosa da. A cidade de Dom Expedito Lopes- Desenvolvimento urbano e social (1964 – 1980) – 2012

RODRIGUES, Lúcia Bruna Albuquerque. `Cidade sob as águas de Março´:História e Memória de Picos no período das (pós-) enchentes (1960), 2011.

Jornal

O DIA , N. 759, Teresina, 31 mar 1960.

A VOZ DO CAMPUS,PICOS (PI), 28 abr.1973.